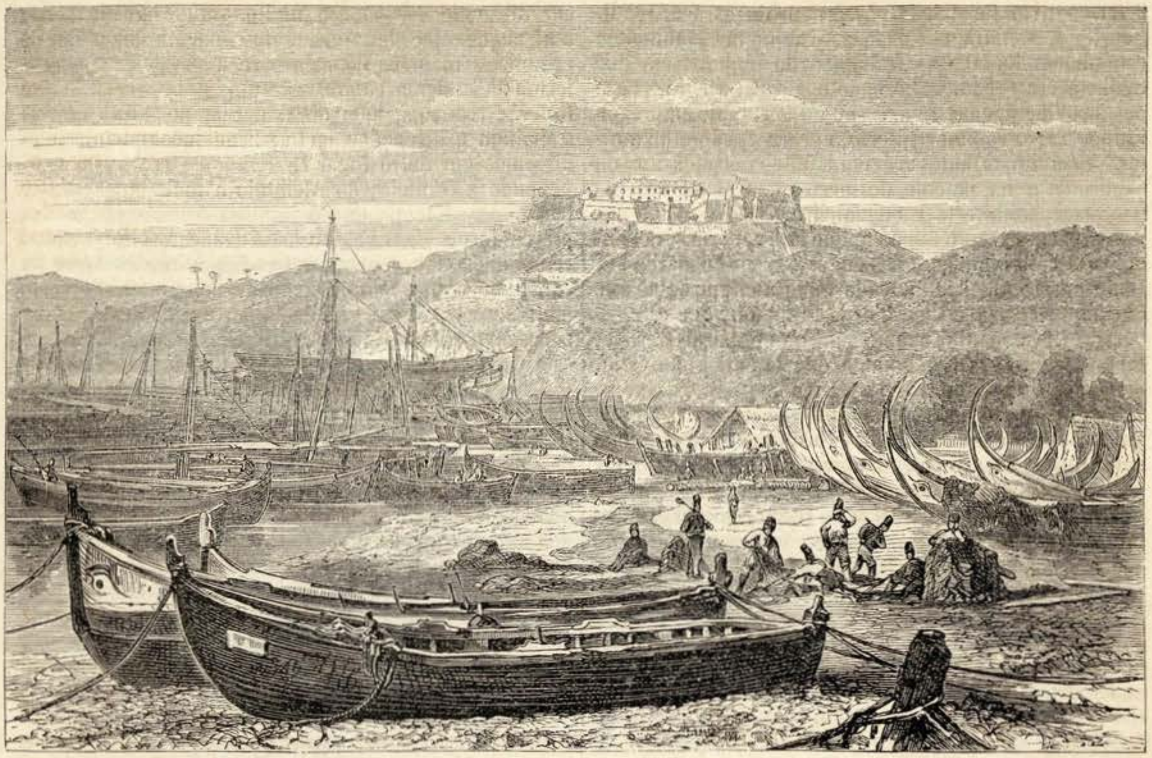


Castello de S. Filippe, em Setubal

SETUBAL

FORTIFICAÇÕES DA CIDADE E PORTO

CASTELLO DE S. FILIPPE

I

Era Setubal outr'ora uma das povoações d'este reino mais bem fortificadas, segundo o antigo systema da arte militar.

Cingiram-n'a el-rei D. Diniz e seu filho, D. Affonso IV, com uma grossa muralha ameiada, fortalecida por altas torres quadrangulares, com sua coroa de ameias.

Abriam-se n'esta cêrca cinco portas e nove postigos. Aquellas denominavam-se *porta Nova*, *de Evora*, *dos Padres da Companhia*, *de S. Sebastião* e *do Sol*. Aos postigos dava-se o nome *de Santa Catharina*, *do Sapal*, tambem chamado o *buraco d'Agua*, *de Santo Antonio*, *do Carvão*, *da Alfandega*, *da Pedra*, *de S. Christovão*, *da Ribeira* e *das Lobas*. Esta obra concluiu-se, segundo cremos, quasi meiado o seculo XIV.

Começando a desenvolver-se n'esse mesmo seculo o commercio maritimo de Setubal com as nações estrangeiras, graças á exploração das suas salinas, e ás leis protectoras da navegação, promulgadas por el-rei D. Fernando I, prosperou e cresceu rapidamente a povoação. Portanto, em breve trasbordou por cima do cinto de pedra que a apertava, estendendo por fóra d'elle dois longos braços, um na direcção de léste, a que deram o nome de *Palhaes*, e o outro para a parte de oeste, com a denominação de *Troino*.

Até aos fins do seculo XIV não se cuidava entre nós da defensa dos portos e rios, apesar das continuas depradações que n'elles faziam os corsarios das potencias barbarescas. Pertence a el-rei D. João I a gloria de ter attendido a essa urgente necessidade da defensão do reino, começando a fortificar os portos de Lisboa e de Setubal. Logo no principio do seu reinado fundou na margem do sul do Tejo, em frente do Rastello, hoje Belem, a torre de S. Sebastião de Caparica, mais tarde denominada *torre Velha*, e ultimamente transformada em lazareto; e ao mesmo tempo, ou pouco depois, lançou os fundamentos á torre do Outão, na encosta da serra da Arrabida, sobranceira ao Sado e visinha da foz d'este rio. Executou-se esta obra no fim do seculo XIV ou logo no principio do XV.

Os descobrimentos e conquistas dos portuguezes sob os governos dos reis D. Affonso V, D. João II e D. Manuel deram animação e incremento a todas as povoações maritimas de Portugal. Setubal, em razão do seu excellente porto, foi uma das que primeiro sentiram a benefica influencia d'aquelles grandes acontecimentos. Quando o reino, por effeito de uma serie de desditas, caíu em poder dos reis de Castella, Setubal já era uma importante praça commercial, e o movimento do seu porto augmentava de anno para anno.

Estas circunstancias, que reclamavam dos poderes publicos providencias para a segurança e guarda de uma tal povoação; e por outro lado a guerra em que andava a Hespanha com varias potencias maritimas, que não perdiam occasião de affrontarem a nossa bandeira e de assolarem o nosso territorio, do que tinhamos já tantos exemplos lamentaveis nas costas de Portugal, sobre tudo nas do Algarve, bem como nas ilhas e nas outras possessões ultramarinas; todas estas razões moveram a el-rei D. Filippe II de Castella, e 1.º dos que governaram em o nosso malfadado paiz, a mandar construir uma fortaleza para defensa da villa de Setubal e do seu porto. Foi encarregado d'esta obra Filippe Terzo, ou Tercio.

D. Luiz Caetano de Lima, na sua *Geographia historica*, diz que fôra este architecto quem edificára aquella fortaleza, mas por ordem del-rei D. Filippe III de Castella.

Filippe Terzo veiu de Italia, sua patria, para Portugal no reinado de D. Sebastião, que o fez architecto

ou mestre das obras dos paços reaes no anno de 1572. Tendo acompanhado este soberano na desgraçada expedição de Africa, na qualidade de engenheiro, ahi ficou captivo. Resgatado por ordem do cardeal-rei D. Henrique, voltou para Lisboa, e aqui lhe commetteu este monarcha alguns trabalhos de pintura, em que tambem era perito. Fallecendo o cardeal-rei, Filippe II de Castella, apenas se apossou de Portugal, empregou Filippe Terzo como architecto, encarregando-o de muitas obras importantes; e em 1590 concedeu-lhe ou confirmou-o na patente de mestre das obras dos paços reaes, architecto e engenheiro.

Não ha certeza do anno em que falleceu; mas, achando-se substituido n'aquelles empregos por Leonardo Furiano em 1598, e attendendo mais á circunstancia de que tanto estava no agrado de Filippe II, que este soberano lhe deu uma commenda na ordem de Christo, cremos com bom fundamento que já então não vivia. Sendo este anno de 1598 o da morte de D. Filippe II, e havendo certeza de que fôra Terzo o architecto que fez o risco para a fortaleza, e ao qual foi incumbida a sua execução, fica demonstrado plausivelmente que não pertencem a el-rei D. Filippe III de Castella as honras de similhante fundação. O que, porém, admittimos, e temos como coisa certa, é que, não estando concluida a fortaleza ao tempo do fallecimento do monarcha fundador e do architecto Filippe Terzo, foi mandada acabar por el-rei D. Filippe III de Castella.

Terzo erigiu em o nosso paiz varios monumentos, que o acreditam como bom architecto civil: taes são, entre outros, o torreão dos paços da Ribeira, que o terremoto de 1755 destruiu; a egreja e mosteiro de S. Vicente de Fóra, em Lisboa; e os aqueductos de Villa do Conde e de Coimbra. Porém, como architecto militar, commetteu muitos erros na construcção d'aquella fortaleza, que foi dedicada a S. Filippe, com o titulo de castello.

A nossa gravura, cópia de uma photographia, dá uma perfeita idéa da fórma exterior da fortaleza, edificada sobre a montanha do seu mesmo nome. Dentro tem boa casa para o governador, os necessarios aquartelamentos e armazens, e uma grande cisterna.

Das baterias do castello de S. Filippe desfructa-se um panorama variado e formosissimo. A seus pés estendem-se as praias do Sado, sempre animadas com a presença de variados barcos e de numerosos maritimos. Mais para a esquerda está a cidade de Setubal, sentada em uma planicie á borda do mesmo rio, e circundada de pomares, que vão subindo pela encosta do monte, como querendo fazer-lhe docel de verdura. Em frente dilata-se o rio com tanta magestade, que mais parece um golpho oceanico, pois conta alli de largura perto de 5 kilometros. Depois, fazendo uma curva, lá se descobre em uma grande extensão do seu curso, correndo contra o sul, em leito apertado, pelo meio de campinas vastissimas e bem cultivadas, famosas pela sua prodigiosa fecundidade. Para a direita perde-se a vista na immensidade do Oceano. E ao longe, muito ao longe, fazendo caixilho a este painel encantador pelo lado do sul e léste, erguem-se montanhas pouco elevadas.

II

Sacudido o jugo de Castella no memoravel dia 1.° de dezembro de 1640, foi mister aos portuguezes armarem-se á pressa, para defenderem contra um inimigo poderoso a independencia, que acabavam de proclamar no meio de alvoroços e regozijos. Cuidou-se, portanto, desde logo com a maior actividade de melhorar o estado defensivo do reino. Primeiramente acudiu-se ás praças de guerra da fronteira, preparando-as e abastecendo-as de tropa, munições e viveres. Depois começou-se a tratar com muita diligencia da fortificação de Lisboa e de Setubal, e dos respectivos portos.

Conhecendo o governo del-rei D. João IV que a sorte da nova dynastia e de Portugal dependia inteiramente, como ha de sempre depender, da segurança de Lisboa, em razão de ser cabeça muito grande de um corpo mui pequeno, e de se acharem concentrados n'ella os principaes recursos do paiz para a sua defensão, projectou defender a capital com uma duplicada linha de fortes e reductos. Esta obra, apesar do muito que se trabalhou e dispendeu n'ella, ficou incompleta, como dissemos em outro logar [1].

Sendo a fronteira do Alemtejo a mais ameaçada, e por onde se temia que o inimigo, sem embargo das praças fortes da raia, ousasse avançar sobre Lisboa, como chegou a tentar, a fortificação de Setubal foi considerada um complemento da da capital. Por este motivo se lhe ligou grande importancia, e se lhe deu o desenvolvimento que vamos referir, segundo o descreve o já citado auctor D. Luiz Caetano de Lima.

«Consta a nova fortificação de onze baluartes inteiros e dois meios baluartes, que são os que se seguem: O *baluarte do Caes*, da invocação de Nossa Senhora da Conceição, dentro do qual estão os quarteis do regimento da guarnição da praça, os armazens das munições de guerra e casa da vedoria. É terraplenado dos angulos das espaldas para o flanqueado, com uma bateria lageada, onde ha boa artilheria de bronze e de ferro, de varios calibres. Tem este baluarte em roda, pela parte exterior, uma larga berma, que dá serventia ao caes, com duas escadas de cantaria e lagedo, uma para a gente e fazendas, e outra para toda a sorte de animaes. Seguem-se o meio *baluarte das Fontainhas;* o meio *baluarte de S. Domingos;* o *baluarte de S. João*, quasi acabado, com duas praças baixas; o *baluarte de Nossa Senhora do Soccorro;* o *baluarte de Jesus;* o *baluarte de Nossa Senhora da Annunciada;* o *baluarte de Nossa Senhora da Saude;* o *baluarte de Santo Amaro;* o *baluarte de S. Francisco;* e o *baluarte de Nossa Senhora do Carmo.*

«Em quanto a obras exteriores, está desenhada uma obra corna, no sitio chamado *Pedra Furada;* um forte pentagonico por cima do convento de Brancannes, onde está já outro forte da mesma figura, com o nome de *S. Luiz Gonzaga;* mas por ser pequeno, se tem desenhado outro maior que o inclua dentro como cavalleiro; e outra obra corna, communicada com o dito forte, para descobrir e flanquear o quartel de Brancannes. Uma obra corna sobre o convento das religiosas de Jesus, e a fraqueza do baluarte de Nossa Senhora da Annunciada, que é defeituoso por muito obtuso. Finalmente, outra obra corna de terra, que flanqueia o quartel dos Olhos d'Agua.»

Da cêrca de muros de D. Affonso IV apenas restam vestigios. Das obras que se executaram sob o governo da restauração, conservam-se algumas em bom estado, e outras acham-se mais ou menos arruinadas. Das projectadas, umas foram começadas, mas não progrediram; outras não chegaram a ter principio. Porém, á vista da descripção acima transcripta, poder-se-ha ajuizar da importancia que se ligou á defensa de Setubal.

Em taes circunstancias, não podia esquecer-se o governo del-rei D. João IV de melhorar as fortificações da barra do Sado. Foi, portanto, augmentada a torre do Outão, e fundadas duas novas fortalezas, uma no sitio de Albarquel, que não chegou a concluir-se, e outra na praia das Vieiras, com uma bateria, quarteis e cisterna, tudo ao presente em bastante ruina.

Trabalhando-se na fundação dos alicerces para os novos baluartes com que foi accrescentada a torre do Outão, descobriram-se preciosas reliquias da antiguidade. Vem a proposito referil-as, não só por tratarmos da reedificação e augmentos da fortaleza, mas tambem porque ainda ha pouco fallámos (a pag. 270)

[1] Vid. sobre estas obras o vol. V, pag. 233 e seguintes.

na abundancia e riqueza dos objectos archeologicos que tem sido descobertos em o nosso paiz, e da ignorancia e barbaridade com que os tem destruido ou desencaminhado.

Acharam-se, pois, n'aquellas excavações parte de uma estatua de marmore, tendo na base alguns versos em louvor de Neptuno; as ruinas de um edificio, que mostrava ter sido templo, pelas muitas architraves, fustes e capiteis de columnas, e outras pedras bem lavradas; apparecendo no meio de tudo isto uma estatua de bronze de Neptuno. Eram os restos, certamente, de um templo consagrado ao deus dos mares, como o testificaram, além d'estas duas estatuas, varias lapidas com inscripções latinas, que davam áquella serra o nome de *promontorio de Neptuno*.

Progredindo as excavações para os alicerces de outro baluarte, encontraram-se algumas medalhas de cobre dos imperadores Vespasiano, Tito e Adriano. Os fragmentos da estatua de marmore, as inscripções e as medalhas foram dadas de presente pelo superintendente das obras, Manuel da Silva Mascarenhas, a D. Pedro de Alencastre, arcebispo eleito de Braga. Quanto á estatua de bronze de Neptuno, em attenção á sua grandeza, commetteu-se o inaudito vandalismo de a fazer fundir para artilheria da mesma fortaleza!

Um nosso escriptor do seculo passado, narrando este facto, exclama com justa indignação: «Barbaridade bastante para se dar a este promontorio, se já o não tivesse, o nome de *Barbario* [1].

Tendo-se em consideração, por um lado aquellas estatuas e inscripções, e por outro lado os auctores latinos que fallam da serra da Arrabida, deve-se entender que o nome de *promontorio Barbario* não se estendia a toda a serra, mas sim a uma parte d'ella, especialmente á que, entrando pelo Oceano, fórma o cabo do Espichel. Isto depois da fundação d'aquelle templo, do qual veiu a denominação de *promontorio de Neptuno* á parte da serrania em cujo dorso se levantava o mesmo templo.

I. DE VILHENA BARBOSA.

[1] *Diccionario geographico* de Cardoso, vol. I, pag. 585.

AS ORDENS RELIGIOSAS E A CIVILISAÇÃO DE GOA

I

Quaesquer que sejam as opiniões dos homens competentes sobre as ordens religiosas; sustentem uns que a sua conservação é impossivel; demonstrem outros que a sua extincção é um grave erro; fulmine-as o prosaismo, convicto de que o retiro é o ocio; glorifique-as a poesia, exaltando a contemplação e celebrando o ermo; ninguem haverá que conteste, a nosso ver, que ellas foram instituições admiraveis, que em diversos tempos prestaram assignalados serviços á fé e á civilisação, e que em todos os paizes onde penetraram, ahi deixaram profundos traços do seu grande poder e da sua invencivel influencia.

Percorrei o mundo, visitae todos os paizes cultos, estudae os seus habitos e costumes, indagae se os religiosos ahi entraram como apostolos e civilisadores, e vereis que o seu esforço fundou e dilatou a religião, e que a sua intelligencia, applicando-se á agricultura, ao ensino, á politica, á legislação, á historia, á medicina, á astronomia, deu o maior impulso a todas as artes e a todas as sciencias. Os conventos foram um estado perfeito no estado imperfeito, um mundo illuminado no mundo de trevas, uma sociedade culta na sociedade em chãos moral; e a sua dilatação pelo universo, levando o nome de Deus a terras ignotas e a gente barbara, foi como a expansão da luz, que no seu reflexo rompeu as sombras e fez da noite o dia para innumeros povos. Tudo ahi é grandioso: os seus instituidores, que são os luminares da humanidade; as suas regras, que respiram a abnegação das vaidades da terra; as suas prégações, que regeneram; as suas lições, que illustram; os seus exemplos, que edificam; o suor com que plantam a fé, e o sangue com que a regam.

Cada periodo do desenvolvimento do monacato tem uma gloriosa missão a cumprir. Quando nasce, abriga no seu gremio espiritos predestinados, que conhecem as falsas pompas do mundo, e que, meditando-o sobre as verdades eternas ao pé da cruz, fogem da Roma gangrenada para povoar as Thebaidas; quando cresce, conserva em deposito as letras e os conhecimentos humanos, que vem refugiar-se no seu recinto, escapando á barbarie que os assalta; quando se sente robusto, abre as suas portas, e solta esquadrões de religiosos, que levam a cruz para a Asia, Africa e America, em companhia dos conquistadores, que levam a espada; e em quanto estes subjugam os povos, aquelles os convertem e educam, de modo que, quantos mais novos mundos se descobrem e vastas terras se conquistam, mais as fronteiras da egreja se estendem e mais horisontes se rasgam á civilisação; quando a velhice o accommette e lhe começa a declinação, a sua missão se termina, porque onde se realisa a emancipação dos povos, ahi cessam os cuidados que lhes foram tão proficuos na infancia.

Goa, a metropole do grande imperio portuguez na Asia, é um dos paizes onde os religiosos lançaram profundos fundamentos da civilisação, e tornaram perduravel a sua recordação, inscrevendo-a nos habitos, nos costumes, nos estabelecimentos, nos monumentos, nos livros da pedra a par das paginas escriptas. Revolva-se a sua historia, e veremos os frades, auctores e reformadores, fundando com uma das mãos a civilisação christã, combatendo com a outra as doutrinas do gentilismo, e revelando nos seus projectos a tenacidade do genio e a vastidão dos designios, que não tinham nem podiam ter os simples sacerdotes, isolados uns dos outros, e sem os quaes nem o christianismo deitaria entre nós raizes tão fundas, nem as letras e as sciencias teriam conseguido a nossa regeneração intellectual.

A nossa intelligencia é tão limitada como o espaço de um artigo, para se escrever a historia do monacato na India com aquella mestria propria de um assumpto tão elevado. Não chegam até ahi os nossos intuitos. N'estas breves linhas, esboço do muito que ha para se tratar, não faremos senão enumerar as ordens religiosas que existiram em Goa, e mencionar os serviços que relativamente prestaram á religião, á instrucção, ás artes e á agricultura.

II

A ordem dos franciscanos observantes foi a primeira que se estabeleceu em Goa, porque os seus religiosos acompanhavam Affonso de Albuquerque, e na conquista da cidade haviam, ao lado do invicto capitão, combatido os infieis com a espada em uma mão e a cruz em outra. Quando já era ganha a victoria, os franciscanos guiaram os soldados até a mesquita de Idalkão, e ahi, levantado o altar sobre as ruinas do islam, se disse a missa ao exercito, que rendeu graças a Deus pelo bom successo do commettimento. Esta mesquita foi a séde da sua residencia, pela doação feita a fr. Paulo de Coimbra, seu superior, por Albuquerque, até o anno de 1521, em que sobre ella foi fundado o novo e magnifico convento. Em 1566 vieram os franciscanos reformados, enviados por D. João III, e se estabeleceram no convento da Madre de Deus, em Daugim, edificado a expensas do primeiro arcebispo de Goa, D. Gaspar de Leão, elevado a custodia da Madre de Deus em 1618, e á cathegoria de provincia do mesmo titulo em 1622.

Os jesuitas chegaram depois dos franciscanos observantes. Logo que se lançaram os cimentos da Companhia, Santo Ignacio de Loyola, instado pelo papa Paulo III para dar missionarios a D. João III, enviou Simão Rodrigues de Azevedo e S. Francisco Xavier. O primeiro ficou em Portugal, e o segundo navegou para a India, onde, tendo começado a evangelisar os povos, percorrendo longes e ingratas terras; e, necessitando de operarios para illuminar os desertos moraes das gentilidades embrutecidas, chamou os seus companheiros para comparticipar dos labores do ministerio. Data de 1543 a introducção na India d'essa milicia de Jesus, que dominou no Oriente pelo seu poder e riquezas, pelo sangue dos seus martyres e pela sciencia dos seus mestres; e que, apesar de ser fulminada pelo braço vigoroso do marquez de Pombal, ainda hoje continúa na obra principiada pelo mestre Francisco, o glorioso apostolo das Indias.

Os dominicanos vieram em 1548, e, tendo habitado ao principio em uma palhoça, passaram a fabricar o seu convento, tão vasto como magestoso, que, começado em 1550, se concluiu em 1564.

Os augustinianos chegaram em 1572, e no mesmo anno fundaram o seu convento, que em 1597 foi reedificado e alargado com aquellas gigantescas proporções, que ainda hoje avultam, apesar de jazerem em ruinas.

Os carmelitas descalços fundaram o seu convento em 1621: mas, proscriptos dos dominios de Portugal, já pela suspeita de que apoiavam os inglezes nas suas conquistas da Asia contra os portuguezes, já porque haviam recusado prestar ao soberano o juramento de fidelidade, a que os estrangeiros estabelecidos na India eram compellidos, foi o seu convento entregue aos oratorianos em 1707. Em 1750 alguns clerigos naturaes intentaram restaurar esta ordem, e conseguiram a licença para viver em communidade, sendo obrigados unicamente ao simples voto de observar a regra dos carmelitas e a vestir o seu habito, e conhecidos com o nome de chimbelistas, porque tinham o seu convento em Chimbel, proximo á cidade. Ainda hoje alguns dos seus membros permanecem no convento de Pilar, cumprindo a regra da sua ordem, sem que os prenda voto nenhum monastico.

Os theatinos, ou os religiosos da Divina Providencia, vieram em 1640, e, depois de superarem graves contrariedades, fabricaram uma espaçosa casa e uma bella egreja decorada com elegante cupula, pelo modelo da de S. Pedro em Roma. Até 1750 continuaram a vir religiosos de Italia, e depois d'elles foram admittidos os indigenas até o numero vinte.

Os leigos da ordem de S. João de Deus, que pelo seu instituto eram obrigados a servir os doentes nos hospitaes, vieram no seculo XVII, e construiram o seu convento em 1685.

Os padres da congregação do oratorio de S. Filippe Nery, todos indigenas, viveram ao principio no recolhimento de S. João do Deserto, em Batim, d'onde passaram, em 1684, a habitar as casas da egreja de Santa Cruz dos Milagres do monte de Boa-Vista. N'este recolhimento receberam, pelos esforços do veneravel padre Joseph Vaz, os estatutos da congregação de Lisboa, feitos pelo padre Quental, que foram confirmados pelo papa Clemente XI em 26 de novembro de 1706.

Para fallarmos de todas as religiões, não esqueceremos o convento das freiras, dedicado a Santa Monica, regido pelo instituto augustiniano, e fundado em 1606 pelo arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes. É unico mosteiro na India povoado por mulheres, venerando pelo nome do seu fundador e pela fama das virtudes das professas, que desde a epocha do florecimento até hoje, que está proxima a sua extincção com a morte de duas que restam, legaram sempre exemplos edificantes de quanto sabiam guardar com fidelidade os estatutos ordenados pelo santo prelado.

Cada uma d'estas ordens religiosas tinha missões separadas, onde plantavam a fé e a civilisação, padecendo trabalhos e provações, e oppondo a paciencia, a abnegação e a constancia ás ciladas do africano, á perfidia do malaio, á doblez do achem e ao fanatismo do japonez. A cidade de Goa, capital do Oriente portuguez, era o foco d'onde reverberavam esses mil raios de luz para todos os pontos, onde hoje tantos templos surgem magestosos, como padrões eternos dos que primeiro ahi promulgaram o Evangelho. Os franciscanos observantes missionavam em Cochim, Coulão, Ceylão, Jafanapatão, costa de Coromandel, S. Thomé e Japão. Os reformados prégavam a fé em Malaca, Diu, Damão, Taná, Chaul, Cochim, S. Thomé, Moçambique e Ceylão. Os jesuitas estavam espalhados por todo o Oriente, e a sua missão era dividida em quatro provincias: do Norte, Sul, Japão e China. Os dominicanos pastoreavam em toda a costa de Africa, em toda a Cuama, em Jafanapatão, Malaca, China, Timor e Solor. Os augustinianos evangelisavam na Persia, Gorgistem, Bassorá, Mascate, Ormuz, Africa, Chaul, Baçaim, Damão, Taná, Cochim, Coulão, Ceylão, costa de Coromandel, Bengala, Meliapor, Mombaça, Malaca, China e Japão. Os carmelitas espalhavam a religião em Canapur, Quitur e Tamaricopa. Os caetanos levavam a fé para os reinos de Idalkão, Golconda, Bisnaga, Borneo e Sumatra. Os frades de S. João de Deus serviam nos hospitaes de Damão, Diu e Moçambique. Os congregados restauravam o catholicismo em toda a ilha de Ceylão.

(Continúa) J. C. Barreto Miranda.

BRASIL

O RIO MADEIRA — SUA CONFLUENCIA COM O AMAZONAS A ILHA DA MANTIQUEIRA

O rio Madeira tem a sua origem na Bolivia, procedendo da confluencia de tres rios: o Beni, o Guaporé e o Mamoré. Entra no Brasil já caudaloso. Engrossando no seu curso, através da provincia do Rio Negro, com muitos rios que n'elle vem desaguar por uma e outra margem, sendo os principaes o Guapey, o Sará, o Jamará, o Jeuparaná, o Araxiá, ou rio dos Marmellos, e o Capaná, lança-se no Amazonas depois de ter percorrido 1:780 kilometros.

N'este extenso trajecto, especialmente desde que se entranha no territorio brasileiro, precipitam-se as suas aguas em muitas e formosissimas cachoeiras, e surgem do seu leito numerosas ilhas.

Dar-se-ha uma idéa aproximada da grandeza do Madeira dizendo-se que, desde a cachoeira de Santo Antonio até á sua foz, conta mais de trinta ilhas de 5 até 15 kilometros de comprimento, pela maior parte povoadas de basto arvoredo, sendo as ilhas de menores dimensões em mais crescido numero. E cada um dos braços em que ellas dividem o Madeira é de per si um rio caudal.

São doze as cachoeiras em que o Madeira quebra a sua corrente, em um curso de 300 kilometros, desde a confluencia dos rios Beni, Guaporé e Mamoré, acima referidos, até á cachoeira de Santo Antonio. São designadas pelos nomes de cachoeira do Madeira, da Misericordia, do Ribeirão, da Figueira ou das Araras, das Pederneiras, do Paredão, dos Tres Irmãos, do Girau, do Caldeirão do Inferno, dos Morrinhos, salto do Theotonio, e de Santo Antonio. As mais notaveis são: a cachoeira do Ribeirão, formada por cinco saltos; a da Figueira, por quatro; a do Girau, por cinco; a do Caldeirão do Inferno, singular pela sua extensão, e sobre tudo por um terrivel redomoinho das aguas, que

formam em certa paragem um sorvedoiro muito perigoso; a dos Morrinhos, pela belleza de tres morros, que lhe dão o nome, toucados de viçosa salsaparrilha, que em longos festões se mergulha na corrente agitada e espumosa; e a do salto do Theotonio, muito para se ver e admirar, porque ahi ha um açude natural, formado por uma rocha cortada a prumo, e de 6 metros de altura, que, atravessando todo o leito do Madeira, o obriga a dividir-se em quatro braços, para assim passar por quatro largas aberturas, provavelmente cavadas na mesma rocha pelo correr das aguas na diuturnidade dos seculos. Esta cachoeira apresenta uma perspectiva encantadora.

Apesar de tantos e tão grandes obstaculos, ha navegação n'este rio. Navega-se n'elle em canôas, que sobem com muito custo e trabalho, ora puxadas á sirga, ora arrastadas por terra até além dos pontos perigosos, sendo a carga que ellas levam, n'esses logares, transportada ás costas dos barqueiros, ás vezes por espaço de 2 e 3 kilometros.

É tão penosa e demorada a viagem rio acima, que se gasta ordinariamente, indo as canôas carregadas, trez mezes, desde a cachoeira de Santo Antonio até passar a do Madeira, que é a ultima das doze para quem sobe.

Ha pescaria n'este rio; porém a mais importante pesca que n'elle se faz é a das tartarugas.

Cayary era o nome que os gentios davam a este rio. Foram os portuguezes que o denominaram Madeira, em razão de atravessar densas mattas, e de tra-



Ilha da Mantiqueira, no Amazonas

zer nas suas cheias muita quantidade de grandes troncos de arvores, entre os quaes ás vezes se vêem cedros de extraordinaria grossura.

Vae alargando o Madeira, cada vez mais, á maneira que se avisinha da sua foz, de modo que esta conta perto de 2 kilometros de largura, sem ilha alguma que a obstrua. Entra este rio no Amazonas defronte da povoação de S. José de Maturí, que está sentada na margem esquerda.

Cinco kilometros, que tem de largura n'este sitio o Amazonas, augmentam a magnificencia da barra do Madeira. E a toda esta grande massa de aguas, orlada de margens pittorescas, enriquecidas de variada e pomposa vegetação, dá muita graça e realce a ilha da Mantiqueira.

Situada no Amazonas, logo abaixo da foz do Madeira, mas proximo d'ella, esta ilha, representada em a nossa gravura, tem a fórma de uma comprida leira de terra, pouco elevada acima da superficie das aguas. O centro, em todo o comprimento da ilha, é povoado de palmeiras, que baloiçam em grande altura a sua copa gentil, formando uma longa abobada de verdura, em torno da qual volteiam sem cessar numerosos bandos de aves formosissimas, que movem inveja ás flores com o brilho e lindo matiz de suas côres. A terra, por baixo das palmeiras, está sempre coberta de uma alcatifa de relva mimosa, que serve de berço a mil variadas florinhas. Uma como faxa de alvissimas areias separa os verdores da terra da corrente fugitiva, em que se retrata o azul do ceo. I. DE VILHENA BARBOSA.

O ESCUDEIRO DE NUNO ALVARES

(Conclusão. Vid. pag. 293)

III

DRAMAS NOCTURNOS

N'essa mesma noite, quando a communicação mysteriosa se estabelecêra entre Nuno Alvares e o mestre, quem na praia deserta, onde hoje existe a praça do Commercio, fitasse a vista no Tejo e pozesse o ouvido á escuta, veria no seio das trevas branquearem, coroando-se de espuma, as ondas sulcadas pelo braço de um nadador audacioso, e ouviria, entre o murmu-

rio incessante do rio, o tenue rumor produzido pela effervescencia da agua.

O vulto chegou á praia, fez um ultimo esforço e saltou em terra, caíndo ao mesmo tempo quasi desfallecido; ergueu-se logo e dirigiu-se á cidade. Algumas palavras trocadas com os atalaias das torres fizeram com que uma das portas lhe fosse aberta; largo tempo se demorou, com visivel impaciencia, mas tendo que responder ás perguntas anciosas dos bésteiros, que, acolhendo-o com alvoroço e não se fartando de o interrogar, o aquentavam ao mesmo tempo, e lhe davam roupas e armas. A final conseguiu desprender-se, e logo deitou a correr na direcção da Rua Nova, enfiou por uma das labyrinthicas ruas que então se cruzavam no terreno hoje alinhado em quarteirões rectangulares, e impelliu, finalmente, a porta mal fechada de uma casa de soffrivel apparencia.

— Alda! bradou elle com voz alegre; minha querida Alda! sou eu! é o teu noivo!

Parou assombrado; á luz mortiça de uma candeia divisára um espectaculo terrivel.

No meio da casa uma mulher velha e bem vestida estorcia-se nas convulsões da agonia; a um canto uma rapariga sentada, com os joelhos á boca, bella, mas com o rosto livido e os cabellos desgrenhados, fitava um olhar desvairado no corpo quasi inerte, em que se iam apagando os ultimos lampejos da vida.

— Alda! exclamou o nadador correndo para ella. O que é isto? que desgraça foi esta?

— Esta é Lisboa mirada, prezada e deixada, respondeu a rapariga com uma voz monotona, repetindo machinalmente a injuria rimada que os lisbonenses no principio do cêrco vibravam aos castelhanos: se quereis carneiro qual deram a Andeiro, se quereis do cabrito qual deram ao arcebispo!

— Alda! bradou o moço. Não me conheces, infeliz? Sou eu, o teu noivo, Affonso Eanes.

— Tenho fome, respondeu Alda no mesmo tom monotono e doloroso.

— Fome, tu! Quando faltou o pão na casa de teus paes?!

— Tenho muita fome, repetiu Alda.

Affonso Eanes, n'um impeto de desespero, tomou-a nos braços, levou-a junto da luz, e, cravando os olhos arrasados de agua no rosto desfigurado da pobre rapariga:

— Alda! bradou; não me conheces, Alda?

A rapariga mirou-o espantado, depois fuzilou-lhe nos olhos um lampejo de razão, e, sacudindo a cabeça como para repellir as nuvens com que o delirio lhe turvava a mente, exclamou com jubilo:

— Affonso!

— Oh! Bemdito Deus! disse elle.

Uma torrente de lagrimas inundou as faces da pobre noiva.

— Tu vens salvar-me, não é assim? disse ella com a voz entrecortada, febricitante, agarrando-lhe nos braços com impeto. Vês? a minha pobre mãe morreu de fome, e eu vou seguil-a se me não acodes! Salva-me! leva-me comtigo! Como vieste? Lisboa é um inferno. Arranca-me d'elle. Oh! fujamos! fujamos! que me devora a fome!

— Deus do ceo! exclamou Affonso com desespero, ouvindo-lhe estas phrases incoherentes; pois assim estaes? E salvar-te como? Para te ver, atravessei o Tejo, deixei-me ficar em Cacilhas escondido quando Nuno Alvares partiu para Palmella, e á noite deitei-me ao rio; o amor deu-me forças [1]. Mas a ti! mas a ti como hei de salvar-te?

— Leva-me a nado.

— Impossivel, bem vês!

— N'um barco.

— Mas como, se as galés e as naus de Castella, presas umas ás outras, tomam o rio todo em frente da cidade?

— Mata-me então, que eu não posso soffrer mais tormentos, tornou Alda com modo sombrio e resoluto.

Affonso Eanes torceu os braços com desespero; depois, com os dentes cerrados, bradou:

— Morreremos juntos, ao menos.

Tomou-a nos braços, que ella, de fraca, não podia dar um passo, e atravessou correndo as ruas da cidade.

Chegando á porta por onde entrára, chamou de parte o anadel dos bésteiros que a guarneciam e fallou-lhe em voz baixa. A conversação foi rapida mas vehemente. Insistia o escudeiro, resistia o anadel. A final este cedeu, e, abrindo-lhe a porta, disse com voz commovida:

— Proteja-vos Deus!

Affonso Eanes saiu.

Correu ao longo da cêrca até chegar ao ponto onde as galés portuguezas, paralysadas pela força immensamente superior do inimigo, jaziam adormecidas. Soltou um bote vasio que estava amarrado á praia, e, deitando Alda no fundo, tomou os remos e vogou silenciosamente em direcção a Cacilhas.

A massa enorme da esquadra castelhana interpunha-se ao fragil bote e ao porto de salvação. As galés e as naus, presas umas ás outras por grossos calabres, que arrastavam na agua, baloiçavam-se indolentemente com as ondulações da vaga. As sentinellas, cedendo ao peso da somnolencia que a madrugada exhala, mal velavam na prôa e na pôpa dos navios.

O bote dirigiu-se ousadamente para um dos intervallos.

Largando os remos e deitando-se de costas, Affonso Eanes lançou a mão ao calabre, levantou-o a custo retezando os musculos, e o bote, impellido por esse mesmo esforço, deslisou rapido por baixo do calabre erguido, que ao mesmo tempo escapou das mãos de Affonso Eanes e caíu de chapuz na agua, que espadanou com estrondo.

— Um barco! bradaram as sentinellas acordando do meio somno em que se iam deixando adormentar.

— Estamos perdidos! murmurou Affonso Eanes.

E, lançando a mão aos remos, fez voar o barco sobre a liquida planura.

Os gritos de alerta despertavam a esquadra de navio a navio. Faziam-se os signaes combinados ás duas galés que cruzavam de dia e de noite no Tejo. Innumeros fachos avermelharam as aguas do rio, e mostraram o fragil bote deslisando, como um barco espectral, e deixando atraz de si uma esteira de espuma.

Descortinou-o uma das galés do cruzeiro, aproou para elle e deu-lhe caça.

— Morremos, Affonso? perguntou Alda lançando o braço ao redor do pescoço do seu noivo.

— Quem sabe? Reza, filha; a Providencia é mãe.

Era uma lucta insensata, mas o bote voava como setta despedida pelo arco. Ainda assim, a galé, impellida pelos seus cento e vinte remadores, crescia a cada instante sobre elle, sem esforço, como um cysne que resvala á superficie do lago.

A cidade fugia ao longe; começava a surgir vagamente do seio das trevas o panorama severo da margem fronteira; a espuma refervia em torno do bote; cada vez mais perto vinha a galé, precedida pelo circulo sanguineo que projectavam nas aguas dez ou doze fachos accesos na tolda.

O bote não tardou a entrar n'esse circulo luminoso; Affonso Eanes fez um esforço sobrehumano, salvou um espaço immenso, e, ainda assim, não conseguiu quebrar a barreira de luz que o mantinha implacavelmente quasi debaixo da quilha da galé inimiga.

[1] A quem achar inverosimil esta façanha do meu heroe direi que, durante este mesmo cêrco, um homem resoluto atravessou duas vezes o Tejo n'uma noite para pôr o mestre de Aviz em communicação com os defensores de Almada. Veja-se Fernão Lopes — *Chronica del-rei D. João* I, p. I.

— Alda! exclamou elle deixando os remos; um ultimo beijo! O nosso noivado ha de fazer-se no ceo! Ó Virgem Santa, sê nossa madrinha!

— Affonso! Affonso! fui eu que te perdi! exclamou Alda lançando-se-lhe nos braços debulhada em lagrimas.

A galé chegava rapida como a pedra despedida da funda; não pôde suster a velocidade da carreira, quando os tripulantes viram da tolda o barco parado; a prôa apanhou-o; ouviu-se um grito dilacerante; a galé, impellida pelo movimento adquirido, andou ainda tres ou quatro braças. Quando os tripulantes correram á pôpa, viram só um referver de agua no sulco espumoso da quilha.

O barco desapparecêra.

IV

OS MARTYRES DA VICTORIA

Rompêra a manhã, formosa manhã de outono. Para o lado de Lisboa uma nebrina pouco densa envolvia a cidade como que em véo de gaze; o sol nascente brincava nas ondas buliçosas do Tejo.

Com o semblante carregado, Nuno Alvares, que se erguêra havia pouco, cingia a espada que um pagem lhe estendia, quando um escudeiro, correndo como louco, entrou no aposento do mestre de Santiago, no castello de Palmella, onde Nuno Alvares se aquartelára.

— O que é? perguntou Nuno franzindo o sobr'olho.

— Meu senhor, meu senhor, respondeu o escudeiro com voz entrecortada, arde Lisboa!

— Arde Lisboa?! exclamou Nuno soltando um grito em que a raiva, a dor e a colera se confundiam.

E, descendo as escadas, montando de um pulo no cavallo apparelhado, partiu a galope.

Os seus cavalleiros estavam agrupados á beira do rio, e cravavam um olhar aterrado no horisonte, onde momentos antes se desenhava Lisboa, e que effectivamente um grande clarão, rasgando a nebrina, enrubescia.

Tinham visto ao longe surgir um ponto vermelho, que pouco a pouco se alargára, como se o sol n'aquelle dia nascesse do occidente; depois a chamma transformára-se em incendio que esbrazeára o horisonte; como que se desenrolára além uma larga téla sanguinea, que ainda projectava no Tejo reflexos escarlates; uma ligeira nuvem afugentára a alvacenta nebrina; logo rolos espessos de fumo negro se tinham evolvido do seio das chammas, completando, com o seu crepe a recobrir a purpura das labaredas, o horror e a magnificencia do quadro.

Não havia dúvida, Lisboa ardia. Ou por traição ou por escalada, tinham os castelhanos ateado o incendio.

— Ó meu nobre irmão d'armas! exclamou Nuno; hei de eu em tal perigo ver-te sem te poder soccorrer! Covardes! não ousaram medir-se comtigo em campo aberto, tiveram medo dos relampagos da tua espada, e pediram á traição, á manha, o que nunca poderiam obter da força! Venceram os traidores, e accendem uma cidade inteira para queimarem o mais nobre, o mais valente cavalleiro das Hespanhas!

E Nuno Alvares, o heroe de Atoleiros, chorava como uma criança, e os seus, vendo-o derramar aquellas lagrimas, contemplavam-n'o respeitosos e tremiam ao mesmo tempo, porque sabiam qual seria a colera do leão quando o seu ferreo espirito reagisse contra a primeira commoção.

Assim estiveram largo espaço; o horisonte passou de rubido a negro, apenas avermelhado de quando em quando por alguns relampagos expirantes do fogo que consumíra o seu alimento; depois esses mesmos rolos de fumo, que se agglomeravam no ceo dispersou-os o vento, e o horisonte reappareceu limpido e radiante.

— Milagre! bradaram os que se agrupavam em torno de Nuno.

Como se emergisse altiva de um mar de fogo e de fumo, que a respeitára, Lisboa apparecia ao longe, bella, altiva, intacta. No firmamento, já cheio de sol, recortavam-se scintillando os perfis das suas casas, as torres das suas egrejas, agrupadas em luzente pinha. O incendio envolvêra-a toda como um cordão de fogo, mas nem uma chamma a lambêra, nem uma centelha fôra expirar nas suas ruas.

— Victoria! bradou Nuno Alvares adivinhando o que succedêra. Ardeu o arraial castelhano que cercava Lisboa! O rei de Castella levanta o assedio e queima o acampamento! Venceu a constancia dos nossos! Real! real! pelo mestre de Aviz!

— Real! real! pelo mestre de Aviz! repetiram todos.

— Deixae-me dizer mais, continuou Nuno Alvares, deixae-me soltar um viva ao rei nacional que livra definitivamente a nossa patria das garras do estrangeiro! Seja nosso soberano o filho dos reis, o heroe que o triumpho consagra, a quem a victoria cinge o diadema! Real! real! real! por D. João I, rei de Portugal!

Todos repetiram o grito com enthusiasmo.

— Queira o ceo, accrescentou Nuno, que seja este d'aqui a pouco o grito em todo o reino.

D'ahi a um quarto de hora, seguido por todos os seus, partiu a galope na direcção de Cacilhas.

Concebêra o audacioso projecto de ir sem mais tardança abraçar o mestre de Aviz.

Em Cacilhas ser-lhe-hia mais facil encontrar um bote que o levasse.

Acompanhado pelos seus escudeiros, e já impaciente, procurava Nuno Alvares descortinar algum barquinho que lhe servisse, quando um dos seus seguidores, que fitava os olhos, resguardando-os com a mão, nas vagas doiradas pelo sol, affirmou-se mais e soltou um grito.

— Dois cadaveres! disse elle.

Ao mesmo tempo dois corpos que boiavam á tona da agua, a capricho das ondulações do rio, foram no fluxo da maré arrojados á praia, onde o refluxo os abandonou.

Eram um homem e uma mulher abraçados tão estreitamente, que nem a morte os conseguíra desprender. A vaga rolava-os como um corpo só.

— Affonso Eanes! disse o escudeiro que primeiro o descortinára; e esta é a sua noiva, é Alda, é Alda Gomes, a sua noiva, que estava em Lisboa.

— Em Lisboa! exclamaram os outros.

— Quiz salval-a dos horrores do cêrco, disse Nuno Alvares aproximando-se com tristeza. Pobre amigo! foi por isso que em segredo nos largaste! Tres horas de paciencia, e estaveis salvos, tu e a tua noiva; assim morreste no instante da victoria, porque não tiveste confiança na fortuna do mestre de Aviz! E eras um bravo; a tua morte heroica e obscura cerra dignamente o cêrco de Lisboa, em que houve tanto heroismo, em que houve tanta constancia, e em que o proprio desalento se manifestava heroicamente, como o teu se manifestou.

Ajoelhando piedosamente, poisou um beijo na fronte livida do cadaver. Depois exclamou:

— Eis o signal da victoria! Lança-nos a vaga respeitosamente aos pés os corpos dos ultimos martyres.

N'esse mesmo dia, mettendo-se n'um bote quasi sósinho, atravessou a esquadra castelhana, estupefacta do arrojo, e que, ao recobrar-se do assombro para correr ao barco, já o viu abicando ás praias da cidade. Saltando em terra, Nuno Alvares exclamou com superticiosa tristeza:

— Pobre Affonso Eanes! A minha temeridade de

hoje foi a tua perda de hontem! E foste tu que me salvaste! O teu sacrificio aplacou e tornou-me propicia a fortuna!

D'ahi a um instante caía cheio de jubilo nos braços do mestre de Aviz, que o recebia com os olhos cheios de lagrimas alegres.

E d'ahi a seis mezes o mestre de Aviz chamava-se D. João I, e Nuno Alvares o condestavel de Portugal.

M. Pinheiro Chagas.

VILLA DA POVOA DE VARZIM

(Vid. pag. 296)

XII

Não é pequena a lista dos varões illustres nas letras e nas armas, que a Povoa de Varzim se ufana de contar entre os seus benemeritos filhos.

Ponhamos na primeira linha a D. Fr. Manuel da Resurreição, que foi bispo de S. Paulo [1], em cuja diocese deu repetidos testimunhos dos elevados dotes da sua intelligencia e do seu caracter. Era este prelado o ultimo descendente da familia dos Cortezes, de quem soube honrar a memoria.

O piloto-mór da armada que foi, no fim do primeiro quartel do seculo XVII, livrar a Bahia do cruel dominio dos hollandezes, o capitão Antonio Cardia, era natural da Povoa de Varzim; assim como seu irmão, Diogo Dias de S. Pedro, commandante da nau *Nossa Senhora de Guadalupe*, que, no começo do segundo quartel do mesmo seculo, tambem representou nas admiraveis epopéas brasileiras, entrando na esquadra saída de Lisboa para restaurar Pernambuco, que os hollandezes tinham occupado desde 1630, como a Bahia desde 1624, invadindo repetidas vezes e assolando as riquissimas possessões do Brasil pelo espaço de trinta annos [2].

Quando tratámos da enseada da Povoa de Varzim, vimos que alli se fizera a nau *Nossa Senhora de Guadalupe;* porém devemos n'esta occasião accrescentar que tal embarcação foi construida, segundo consta de memorias escriptas, pelos commerciantes da villa, que n'isso mostraram o acrisolado patriotismo que sempre nobilitou e engrandeceu os actos dos póveiros.

O capitão Diogo Dias, na indicada expedição, portou-se com inexcedivel bizarria, pois não só não quiz acceitar gratificações do governo, mas ainda pagou da sua bolsa aos tripulantes da nau, que o seguiram com fidelidade e presenciaram a sua dedicação e coragem. Dizem que estes actos de heroicidade e fidalguia se encontram registados em documentos que conservam os descendentes de Diogo Dias.

Além d'estes e de outros que mencionámos no decurso dos apontamentos que se tem lido ácerca da Povoa de Varzim, são ainda hoje de grata recordação aos naturaes d'este concelho os doutores João de Sousa Magalhães, Domingos Ribeiro Pontes, Antonio Dias Camelo, fr. Manuel de Jesus Maria, João Bernardino Leite, D. Lourenço da Purificação e Antonio Baptista de Almeida, dos quaes o auctor das *Memorias historicas* faz honrosa menção. D'este ultimo nos diz elle:

«Outro cidadão não menos prestante foi Antonio Baptista de Almeida [3], cujo nome será sempre caro aos habitantes d'esta villa, pelos serviços relevantes que lhes prestou nas diversas epochas em que os seus talentos e virtudes eram necessarios ao bem publico. Ainda ha poucos annos era um proverbio entre os velhos: — Morreu um Almeida, não apparecerá tão cedo outro [1].»

Ainda ultimamente se falla na Povoa, com o devido respeito á sua illustração e aos seus serviços, a que os compatricios se mostraram reconhecidos, elegendo-o por diversas vezes para representar o concelho, de Luiz Antonio Pereira da Silva, bacharel em mathematica e philosophia, e formado em medicina pela universidade de Coimbra, que foi provedor do concelho da Povoa de Varzim em 1834, medico do hospital da Trindade da cidade do Porto, secretario da sociedade agricola da mesma cidade, lente da 2.ª cadeira de physiologia na eschola medico-cirurgica da mesma cidade, commissario dos estudos do districto do Porto e reitor do lyceu, vogal do conselho do districto do Porto, e procurador á junta geral do mesmo districto pelos concelhos da Povoa de Varzim e Villa do Conde.

Este distincto funccionario morreu a 10 de fevereiro de 1862, com 54 annos.

Não devemos esquecer tambem que Francisco Gomes de Amorim, o auctor dos *Cantos matutinos* e dos *Ephemeros*, o discipulo e amigo de Almeida Garrett, teve alli o seu berço, e alli passou os primeiros annos da sua vida, antes de se partir para o Brasil, como o illustre poeta o diz no prologo dos *Cantos matutinos* [2].

XIII

Á pessoa que de futuro queira escrever uma historia desenvolvida da villa da Povoa de Varzim, utilisando-se porventura dos apontamentos que temos deixado registados n'estas paginas, indicaremos mais dois factos, como nol-os refere o nosso zeloso informador [3], para os fastos da sua terra natal:

Durante as luctas civis do principio do segundo quartel do presente seculo, o general Saldanha (hoje duque e marechal do exercito), tendo ido á Povoa de Varzim, ou passado n'esta povoação por necessidade de serviço, alli encontrou agasalho em casa de Manuel Luiz Monteiro, por alcunha *Manuel da Rita*, e dizem que tal foi a dedicação d'este bom homem pelo general, que até lhe poz ás ordens um de seus barcos de pesca, tripulado por pescadores de inteira confiança e provada coragem.

No dia 18 de abril de 1849, pela volta das quatro horas da tarde, chegou a esta villa o ex-rei da Sardenha, Carlos Alberto, depois de ter perdido a batalha de Novara e abdicado a coroa d'esse reino a favor do principe real, hoje rei da Italia, Victor Manuel. Foi hospedar-se, com os personagens que o acompanhavam, em numero de quatro, trajando singelamente, na hospedaria do padre Antonio José de Araujo, na rua da Amadinha, hoje rua de Carlos Alberto, e ahi lhe foram logo tributar homenagem da alta consideração que merecia a todos o preclaro principe as auctoridades e pessoas notaveis da villa; o que elle agradeceu com delicadeza e affabilidade.

Na manhã do dia seguinte, 19, depois do almoço, o rei Carlos Alberto marchou a cavallo, conforme tinha entrado, acompanhado dos mesmos personagens, para a cidade do Porto. Soube-se depois que um dos da comitiva de sua magestade brindára e gratificára generosamente os criados da estalagem, porque o dito padre Antonio não quizera acceitar a importancia das despezas feitas no seu estabelecimento.

(Continúa) Brito Aranha.

[1] Tomou posse em 19 de março de 1774, e falleceu em 21 de outubro de 1789.

[2] Como é sabido, o Brasil voltou ao dominio de Portugal, reinando o sr. rei D. João IV, pela capitulação assignada em 1654 entre portuguezes e hollandezes na cidade do Recife, representando o nosso governo o mestre de campo general Francisco Barreto e Menezes.

A heroica defensa n'esta epocha do forte de S. Jorge (no Recife), o animo do capitão-mór Mathias de Albuquerque, os esforços inauditos do capitão Antonio de Lima, a audacia de Fernandes Vieira e a traição de Calabar, serviram de assumpto para o bello romance *Calabar*, do sr. Mendes Leal.

[3] *Almada* escreve o auctor das *Memorias*, mas deve ler-se *Almeida*.

[1] Vid. *Memorias* cit., pag. 54.

[2] Gomes de Amorim nasceu em Avelomar aos 13 de agosto de 1827. Avelomar, ou A-ver-o-mar, é uma aldeia na margem do Oceano, pouco distante da Povoa de Varzim e dependente d'este concelho.

[3] O sr. Manuel Luiz Monteiro Junior, por vezes citado.